



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE QUÍMICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TAYONARA DA CRUZ NASCIMENTO

**CAMINHOS DA CONSTRUÇÃO DO ‘EU’ DOCENTE: SEREI
OU NÃO PROFESSORA?**

ITABAIANA-SE

2013

TAYONARA DA CRUZ NASCIMENTO

**CAMINHOS DA CONSTRUÇÃO DO “EU” DOCENTE: SEREI OU NÃO
PROFESSORA?**

Projeto apresentado como requisito da disciplina Pesquisa em Ensino de Química II, tendo como professor Erivanildo Lopes Santos.

Professora Orientadora: Profa. Dr. Edinéia Tavares Lopes

ITABAIANA-SE

2013

**CAMINHOS DA CONSTRUÇÃO DO “EU” DOCENTE: SEREI OU NÃO
PROFESSORA?**

TAYONARA DA CRUZ NASCIMENTO

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Prof.^aDr. Edinéia Tavares Lopes
Universidade Federal de Sergipe

Examinadora Prof.^a Dr. Maria Batista Lima
Universidade Federal de Sergipe

Examinadora Prof.^a Msc. Assicleide da Silva Brito
Universidade Federal de Sergipe

APROVADA EM DEFESA: (x) SIM () NÃO

EM 27 DE SETEMBRO DE 2013.

*Dedico este trabalho a Deus, a
minha família, amigos e
parentes.*

AGRADECIMENTOS

“Ao único que é digno de receber, a honra e a glória a força e poder”, a Ele - DEUS - eu expresse minha gratidão, porque Dele e por Ele, para Ele são todas as coisas.

A minha Mãe, que tanto amo, por ter me transformado na pessoa que sou hoje e dado condição de chegar onde estou.

A minha irmã e ao meu cunhado Fabiano, que me apoiou e ajudou para que pudesse estar aqui.

Aos meus sobrinhos amados, Leonardo, Ângelo, Andrielle e Isabela, a minha tia e madrinha Vilma, minha prima Patrícia que também me ajudou a construção desse trabalho.

Aos meus amigos do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Superior, que desde o início estão comigo nesta caminhada, se arriscando na estrada em busca de conquistar sonhos iguais aos meus.

Aos professores que participaram da minha vida acadêmica seja lecionando ou não, na pessoa da professora Edinéia Tavares Lopes, orientadora deste trabalho. Todos vocês foram elementos importantes para a construção dessa nova história que se inicia em minha vida. Muito obrigada, agora estou mais confiante e sei que sonhos verdadeiramente se realizam, por isso não vou mais parar de sonhar. Que DEUS vos abençoe.

Obrigada a todos que de forma direta ou indireta contribuíram e continuam a contribuir com conquistas em minha vida, vocês foram e são atores tão importantes que suas ações não comportam nessas folhas. Amo todos vocês.

Grata.

Tayonara da Cruz Nascimento

É melhor tentar e falhar, que preocupar-se e ver a vida passar; é melhor tentar, ainda que em vão, que sentar-se fazendo nada até o final.

Eu prefiro na chuva caminhar, que em dias tristes em casa me esconder. Prefiro ser feliz, embora louco, que em conformidade viver....

Martin Luther King

RESUMO

Esse trabalho que tem como objetivo analisar os fatores que me levaram, ao final da formação inicial, a ainda apresentar dúvidas acerca de seguir a carreira docente. Através desse objetivo busco principalmente compreender o meu processo formativo e a importância do papel do professor na construção da identidade docente. Em seguida relatei a minha trajetória escolar que vai do ensino fundamental ao médio onde apresento tudo que recordei séries a série, do mesmo modo a trajetória e acadêmica, mostrando todas as minhas felicidades, angústias e insatisfações no decorrer desse processo formativo. Apresento a importância na construção da identidade docente com o intuito de verificar: Que fatores, durante o curso, me levaram a questionar a minha decisão inicial de ser professora? Quais motivos me levaram ao desânimo em seguir a carreira docente? Outros caminhos poderiam ter sido trilhados durante a formação acadêmica que me possibilitasse uma decisão consciente acerca de seguir ou não a carreira docente?

Palavras Chaves: Construção da Identidade Docente, Formação de Professores de Química

ABSTRACT

This work aims to analyze the factors that led me, at the end of the initial training, still has doubts about a career teaching. Through this objective primarily seek to understand my formative process and the importance of the teacher's role in the construction of teacher identity. Then I reported my school career going from elementary to middle where all present remembered series the series, just as the academic trajectory and showing all my happiness, sorrows and grievances during this training process. Present the importance in the construction of teacher identity in order to verify: What factors during the course, led me to question my initial decision to become a teacher? What reasons led me to discouragement in pursuing a teaching career? Other paths could have been pinched during the academic I would enable an informed decision about whether or not to follow a teaching career?

Key Words: Construction of Identity Teacher, Teacher Training in Chemistry

LISTAS DE SIGLAS

CLQ – Curso de Licenciatura em Química

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

MEC – Ministério da Educação

OCMEA – Oficina de Ciência, Matemática e Educação Ambiental

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PIBIX – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Extensão

PEQ I – Pesquisa e Ensino de Química I

PEQ II – Pesquisa e Ensino de Química II

TEQ I – Temas Estruturadores para o Ensino de Química I

TEQ II – Temas Estruturadores para o Ensino de Química II

TEQ III – Temas Estruturadores para o Ensino de Química III

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: Revisitando Minhas Memórias Escolar e Acadêmica.....	17
1.1 –TRAJETÓRIA ESCOLAR.....	17
1.1.1 - <i>Ensino Fundamental</i>	17
1.1.2 - <i>Ensino Médio</i>	19
1.2 – TRAJETÓRIA ACADEMICA.....	23
CAPÍTULO 2:Encontros, Desencontro, e Confrontos na Construção da minha Identidade Docente.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIA.....	40

INTRODUÇÃO

A educação formal no Brasil teve início no Século XV, com a chegada da companhia dos Jesuítas, que tinham como objetivo principal, levar educação para as elites. No decorrer dos anos, houve muitas mudanças com relação à educação, porém vale destacar que até meados do século XIX a mesma ainda era voltada para população mais rica. No século XX começou o processo de expansão da escolarização básica no país em termos de rede pública de ensino, isso se deu no fim dos anos 70 e início dos anos 80 (SILVA, 1998). Um marco importante da educação brasileira foi o advento da Constituição Federal de 1988, que estabelece em seu artigo 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL, 2004)

Outros acontecimentos importantes para a educação no nosso país foram à criação o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990 e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996. Juntos eles abrem as portas da educação básica no Brasil para todas as classes sociais, ou seja, dá acesso a todos os brasileiros (PEREIRA, 2000).

A universalização do Ensino Fundamental iniciada no final dos anos 1970 e alcançada nos anos 2000 foi acompanhada, de uma série de outros fatores que levaram a profissão de professor a perder seu valor social e econômico. Os investimentos em estrutura física não foram acompanhados por investimentos em pessoas. Pelo contrário, o grande aumento na oferta de vagas foi acompanhado pela admissão de profissionais com titulação inadequada para executar a profissão de professor, barateando o valor do trabalho. Isso trouxe outro fenômeno: a necessidade de “agilizar” a formação dos professores, o que acabou trazendo para nossa realidade “cursos rápidos” de formação de professores que enfraqueceram e muito a qualidade dessa formação (PEREIRA, 2000).

Felizmente, a partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional - LDB, em 1996 e do Plano Nacional de Educação, em 2001, a formação docente foi contemplada em capítulo próprio, e muitas ações vêm sendo implementadas, em função das determinações e prazos ali contidos, e que deverão interferir radicalmente no perfil do professor e no sistema educacional em todas as modalidades (MELO; LUZ, 2005, p.6).

A partir da LDB, muitas mudanças aconteceram, mas não foi o suficiente para sanar a desvalorização da profissão docente. De acordo com Freitas (2004) a formação do educador não tem sido uma área considerada significativa por parte dos próprios educadores, e de certa maneira, esse fato reproduz internamente a mesma desvalorização que existe por parte da

sociedade em relação ao profissional da educação. O trabalho docente vem alterando sua construção a partir de diversas mudanças ocorridas na sociedade que interferem na sua atuação profissional. O que possibilita entender o trabalho do professor como uma identidade em constante construção (TARDIF e LESSARD, 2005 *apud* CAMARA, 2010).

O profissional docente tem que se posicionar com relação aos seus valores e limites no que diz respeito ao sistema de ensino, isso é determinante na construção da qualidade profissional do professor. O docente vive em muitos momentos de sua carreira, sentimentos de insatisfação diante da sua atividade docente, carrega um conflito entre o que foi idealizado e as dificuldades do trabalho real, sem contar nas cobranças internas da escola e da sociedade (CÂMARA, 2010)

Segundo Tardif e Lessard (2005 *apud* CAMARA, 2010) as mudanças dos valores em relação ao papel do professor mostram, principalmente, a diferença de valores que afetam as famílias que anteriormente cultivavam o respeito pelo papel do professor. Hoje, ao contrário, julgam e culpam os professores por todo o fracasso educacional. A desvalorização do professor evolui na medida em que a avaliação do seu trabalho é realizada numa dimensão de imediatismo. Sendo que os professores investem em seu trabalho e na maioria das vezes não veem resultados satisfatórios.

Outra grande reclamação dos profissionais docentes é a perda de status do professor, principalmente pelos baixos salários, que institui um forte elemento da crise de identidade que os comprometem, e para compensar essa má remuneração estabelecem jornadas ampliadas. Segundo Freitas (2004) é possível identificar situações que abordam o profissionalismo do docente, especificando as principais dificuldades de atuar como educador e identificar, ao longo do trabalho, quais seriam os meios para promover um reconhecimento significativo da profissão. Há ainda que se reconhecer que um fator significativo que reflete muito na desvalorização da educação é o grande desafio de criar cursos de formação profissional docente de qualidade, favorecendo um conjunto de diversidades culturais, mostrando as dificuldades que os futuros educadores irão enfrentar.

Hoje os cursos universitários são os principais responsáveis pela formação inicial dos professores. Mas ainda está longe de representar o ideal: são cursos em que, salvo exceções, o estudante pouco desenvolve suas competências, explicita suas representações sobre o trabalho docente, bem como pouco se vê inserido em atividades de pesquisa e prática de ensino em contexto real (PEREIRA, 2000).

A opção pela docência acontece depois e, em muitos casos, em razão da empregabilidade. E na maioria das vezes os modelos de docência, nos institutos de formação específica, salvo exceções, se baseiam no modelo transmissão-recepção de conteúdos; os professores têm domínio de conteúdo, mas não possuem “didáticas”; as aulas se resumem à exposição oral ou a seminários; a interação pouco ou não acontece. A estrutura das aulas não é estimulante; a atividade docente, em grande parte, é um apêndice, e falta diálogo entre conteúdo disciplinar de formação específica e conteúdo pedagógico.

Para Alencastro (2003), a necessidade de um ensino de qualidade tem sido exaustivamente discutida em eventos educacionais, em todas as áreas do conhecimento. Pesquisas, artigos, ensaios e projetos já foram divulgados, sempre com objetivos finais atrelados à melhoria da qualidade do ensino. Entre as hipóteses sugeridas para melhorar esta qualidade de ensino, estão os questionamentos sobre a “formação de professores”, ou “formação docente”.

Esses estudos realizados constataam que a formação dos professores é de extrema importância para um ensino de qualidade, desde que esta formação seja capaz de produzir saber e formar cidadãos críticos capazes de analisar de forma reflexiva as situações de ensino e aprendizagem as quais poderão estar submetidos no decorrer da sua vida profissional (ALENCASTRO, 2003).

Pesquisas apontam que a discussão sobre a formação de professores intensificou-se a partir da década de 80. Alencastro (2003) enfatiza-se mais intensamente a discussão sobre a formação inicial e continuada de professores nos cursos de licenciatura. Desde então, têm-se analisado a profissionalização do ensino, em especial da formação de professores, que devem possuir certas características especiais ocorridas da formação inicial.

No seu trabalho sobre a formação de professores no curso de Licenciatura em Química na UFMT Alencastro (2003) afirma também que um dos motivos que contribuiu para a manifestação dessas discussões foi o movimento da profissionalização do ensino. O autor destaca que na década de 1960 houve uma intensificação das primeiras propostas concretas para a formação docente. Nesse contexto, destacam-se aspectos como a ampliação da quantidade de projetos escolares, a intensificação da produção de material didático e de treinamento para professores. Nessa fase, o autor aponta a predominância do uso de modelos pedagógicos tradicionais, tecnicistas e cognitivistas.

Segundo Brito (2013), até a metade da década de 1970, privilegiava-se a dimensão técnica da formação de professores e a especialidade em educação. Já na segunda metade a

educação é cenário da prática social relacionada aos aspectos políticos e econômicos devido aos estudos de caráter filosófico e sociológico. A década de 1980 foi marcada por crises econômicas com extensões na educação. Ampliou-se o número de profissionais que não apresentavam boa formação, salas de aula com excesso de alunos cansados e desestimulados. E nesse sentido, novas discussões surgem na perspectiva de reflexão sobre as condições de trabalho de professores, sobre a necessidade de sua participação nas tomadas de decisão, entre outras. Na década de 1990, surgem discussões sobre o papel das universidades, a formação dos profissionais e seu papel na sociedade. Ainda, presencia-se o surgimento de fóruns que iniciam as discussões sobre estágio supervisionado, questões institucionais, curriculares, programas especiais e políticas educacionais para a formação docente.

Para Alencastro (2003) foi uma época de amplas reformas par o ensino. Propostas aprovadas pelo MEC, após discussão com a comunidade, (embora muitas das reivindicações da comunidade educacional, não foram contempladas): a) Parâmetros Curriculares Nacionais, para o ensino fundamental; b) Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio; c) Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação. E, como não podíamos deixar de citar, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9394/96. Que instituiu que:

O Licenciado em Química deve ter formação generalista, mas sólida e abrangente em conteúdos dos diversos campos da Química, preparação adequada à aplicação pedagógica do conhecimento e experiências de Química e de áreas afins na atuação profissional como educador na educação fundamental e média.

Além de toda essa discussão Maldaner (1999) e Quadros (2005) apontam que a construção da identidade docente dá-se por um processo complexo e muito pessoal, em que se faz necessário adotar novas metodologias, repensar a prática usada, planejar atividades diversificadas e desconstruir ideias pré-concebidas em torno do que é ser professor.

A formação de professores precisa ser desempenhada dentro da escola, em contato com o dia-a-dia dos estudantes. É preciso que cada licenciando adquira autonomia no exercício profissional, primeiro observando os mais experientes, ajudando-os e depois assumindo a docência sob supervisão, ao mesmo tempo, em que se deve promover a integração de todos na cultura da profissão, incentivando a participação em tudo o que acontece na instituição escolar. Além disso, é recomendado transformar certos casos e situações do trabalho escolar em problemas de pesquisa, ou seja, discutindo-os do ponto de vista teórico e prático, refletindo sobre eles e produzindo conhecimento pertinente para a

profissão. Deste modo, é necessário criar estruturas que incorporem o conhecimento, a pesquisa e as práticas profissionais e coloquem tudo isso a serviço da formação. (NÓVOA, 2012 *apud* BRITO, 2013)

Para Nóvoa (2008 *apud* BRITO 2013) existem três dilemas relacionado à profissão docente, o primeiro é a necessidade dos/as docentes de reconstruir um laço forte com o espaço comunitário, o segundo está na renovação do modelo escolar depender em grande parte de sua capacidade de adaptação à diferença, o terceiro é o da visão simplista com que se apresenta a profissão docente, em que a mais complexa atividade profissional é vista como reduzida ao status de coisa simples e natural.

O dilema da comunidade proporciona ver a escola como espaço aberto (saber relacionar e saber relacionar-se) de modo a facultar a comunidade conhecer a complexidade da atividade docente. No dilema da autonomia (saber organizar e saber organizar-se) dois discursos são apresentados à organização do trabalho escolar, que se caracteriza pelo rompimento com a organização convencional do trabalho escolar e a organização profissional, que trás preocupações com a competência coletiva, a organização de espaços de aprendizagem entre trocas, pares e partilhas. E, o dilema do conhecimento (saber analisar e saber analisar-se) que proporciona a reconstrução do saber profissional (BRITO, 2013).

Portanto é necessário que o professor tenha consciência do saber-fazer, as competências e habilidades que ele como profissional mobiliza todos os dias, saber a importância que tem dentro da escola, que são os principais atores e mediadores da cultura e do saber escolar. Ser professor vai além da aplicação de conhecimentos já produzidos por outros, tem que ser acima de tudo um sujeito que assuma sua prática da melhor forma possível. Sabendo da importância, algumas ações do MEC/CAPES tem procurado mudar essa realidade através de programas como PIBID e PRODOCENCIA.

Nesse contexto, como pré-formanda de um Curso de Licenciatura em Química (CLPQ), busco refletir essas questões a partir de minha trajetória escolar e acadêmica. Assim, levanto a seguinte questão geral deste trabalho: analisar os fatores que me levaram, ao final da formação inicial, a ainda apresentar dúvidas acerca de seguir a carreira docente? Para responder essa questão geral, levanto as questões norteadoras, a saber: Que fatores, durante o curso, me levaram a questionar a minha decisão inicial de ser professora? Quais motivos me levaram ao desânimo em seguir a carreira docente? Outros caminhos poderiam ter sido trilhados durante a formação acadêmica que me possibilitasse uma decisão consciente acerca de seguir ou não a carreira docente?

Optei neste trabalho pela utilização da primeira pessoa do singular. Minha opção se baseia em Charlot (2005) ele afirma que a constituição do eu epistêmico é uma condição e um efeito da situação didática, pois é também através do confronto com objetos do saber que o aluno consegue dissociar o eu empírico do sujeito do saber.

A seguir faço uma (re) visita às minhas memórias onde apresento o relato de minha vida escolar e da minha vida acadêmica (Capítulo I). No Capítulo II analiso esses relatos buscando entender a (re/des) construção de minha identidade docente e os motivos que me levaram, ao final do curso, a ainda apresentar dúvidas em seguir a carreira docente.

CAPÍTULO 1: (RE)VISITANDO MINHA MEMÓRIA ESCOLAR E ACADÊMICA

1.1 Trajetória Escolar

1.1.1 Ensino Fundamental

Na fase da educação infantil, frequentei creches de tempo integral dos dois aos seis anos. Nessa fase tive o primeiro contato com as letras e os números. Iniciei o Ensino Fundamental aos sete anos de idade, na Escola Municipal Rotary Clube de Itabaiana (hoje Escola Rotary Dr. Carlos Melo) localizada na Rua Cel. Sebrão, nº 649, centro, do município de Itabaiana– SE. Lembro que tinha uma única professora, a sala de aula tinha muitos alunos, alguns mais velhos do que eu, os outros na mesma faixa etária. A professora tinha uma metodologia de ensino dita hoje como tradicional, mas, da maneira dela se preocupava com o aprendizado dos alunos. Tinha algumas dificuldades com algumas matérias, principalmente matemática.

Estudava junto com minha irmã, então, fazíamos os deveres de casa juntas, mas ao final, nem ela nem eu, conseguíamos fazer por completo todas as atividades. Minha mãe não tinha tempo para nos ensinar porque trabalhava durante todo o dia e só chegava à noite. Muitas vezes estávamos dormindo. Com isso fazíamos as atividades e estudávamos para as provas dentro do nosso limite. O que não me impossibilitou de passar para a série seguinte.

A 2º série (Terceiro Ano) continuamos estudando na mesma escola e com a mesma professora. Antes de iniciar a 3º série (Quarto Ano), minha irmã decidiu casar, o que pra minha mãe foi muito sofrido, tanto o fato de ela ter casado e principalmente de ter saído da escola. Minha mãe não teve a oportunidade de estudar quando adolescente, mas sempre nos apontou a importância de estudar. Com muito sacrifício nos dava condição de ir à escola. Mas isso não me desestimulou, pelo contrário, continuei estudando e passei para 4º série (Quinto Ano). Por motivo de reforma na escola supracitada as aulas tiveram que ser realizadas em outra escola. As minhas dificuldades com algumas matérias como, por exemplo: Matemática e Português foram presentes durante todos esses anos, recordo-me que gostava muito de Ciências e não tinha muitas dificuldades em fazer as atividades relacionadas a esta matéria.

Estudei as séries finais do Ensino fundamental (5º, 6º, 7º e 8º) na Escola Técnica Agrícola Prefeito João Alves dos Santos, no povoado Taperinha localizado na cidade de Itabaiana - SE. Entrava na escola as sete da manhã e retornava para casa as dezessete e trinta da tarde. Durante esse período era oferecido café da manhã, almoço e lanche. Além das matérias do ensino regular, tinham as matérias de Agricultura, Zootecnia e Técnica Industrial. Todas tinham a parte teórica que era dentro da sala de aula e prática que eram intercaladas com as outras matérias. Em Agricultura, ficava responsável pelo preparo da terra, plantação e colheita. Zootecnia, cuidados com os bovinos, suínos e aves. Técnica Industrial era responsável pela produção dos derivados do leite, licores e produtos de limpeza.

Na 5º série (Sexto Ano) foi tudo muito novo, só conhecia três vizinhos que já estudavam lá. Não estava acostumada há ficar tanto tempo longe de casa e tinha que desenvolver atividades agrícolas às quais nunca tinha feito. O que não foi empecilho para desistir. Com o passar dos meses acabei me adaptando muito bem a tudo inclusive as atividades agrícolas. O meu maior problema estava nas aulas de português, comecei a perceber que a professora me tratava diferente dos demais alunos da classe. Essa professora era sempre muito áspera quando eu fazia alguma pergunta, não tinha muita paciência para alguns comportamentos meus dentro da sala de aula. Era evidente a preferência dela por outros alunos. Hoje analiso que o comportamento dela poderia simplesmente falta de afinidade, apesar da consciência de que professor em sala de aula não deve ter distinção com relação aos alunos.

Na 6º série (Sétimo Ano) as matérias continuaram sendo lecionadas pelos mesmos professores. Isto fez com que as inquietações da série anterior continuassem as mesmas, com uma ressalva. As amizades já tinham sido formadas, com isso, pude dividir as minhas angústias e perceber que alguns amigos compartilhavam das mesmas aflições. Como no início era tudo muito novo senti maiores dificuldades, mas com o passar do tempo consegui me adaptar com o tratamento da professora citada.

Na 7º série (Oitavo Ano) já conhecia melhor todos os professores e suas metodologias, já tinha me adaptado a rotina da escola. A 8º série (Nono Ano) pra mim foi à melhor, a professora de português que não gostava precisou se ausentar e foi substituída por outra professora contratada. Adorei a nova professora, as aulas eram bem mais dinâmicas, percebia que ela gostava do que estava fazendo, me tratava bem. Resumindo, foi uma das melhores professoras que já tive.

O vínculo entre os professores, alunos, funcionários e direção foram tão fortes que acabamos nos tornando uma grande família. Por isso que quando terminei o Ensino Fundamental surgiram inúmeras dúvidas, pois tinha uma paixão pela Escola e pelas pessoas que conheci lá. Cheguei até achar que minha vida não teria mais sentido, pois cada um viveria suas vidas e nos separaríamos. Mas, acabei me conformando com essas mudanças. Foi quando decidi estudar na Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão, que além de ofertar as matérias comuns a outras escolas, ofereciam os cursos técnicos nas áreas de agricultura, zootécnica, agroindústria. Outros amigos também estudavam nesta escola e outros iriam fazer a seleção. Fiz a prova, mas não consegui passar na seleção. Em decorrência iniciei o Ensino Médio em um colégio localizado na cidade de Itabaiana, mas, lembro que não era essa a minha vontade.

1.1.2 Ensino Médio e a entrada na universidade: universo de possibilidades e limitações

O meu Ensino Médio foi cursado no Colégio Estadual Murilo Braga, na Rua Quintino Bocaiuva, s/n, situada na cidade de Itabaiana – SE. O Primeiro Ano do Ensino Médio foi bem difícil, pois, tinha que me adaptar a nova escola. Com toda mudança vem às comparações, o fato de ser uma escola com horário vespertino, não conhecer quase ninguém. Foi inevitável a comparação entre os professores e a forma como os mesmos tratavam os alunos. Comecei a perceber que alguns desses professores tinham menos afeto e, muitas vezes, demonstravam pouco interesse com o aprendizado. Ouvi, algumas vezes, esses professores dizerem que independente de querermos estudar ou não, não iria interferir no salário deles no final do mês. Isso me chocava porque vim de uma escola onde os professores tinham dedicação exclusiva e eram cobrados deles esse tipo de preocupação. Além disso, a relação que matinha com alguns professores do Ensino Fundamental, era muito mais que relação aluno-professor considerava-os como amigos, como pessoas que preocupavam com os alunos.

Essa realidade, onde o professor muitas vezes estava na sala de aula só por obrigação, me deixou assustada. Mas com o tempo acabei me acostumando. Contudo, tive nessa mesma fase professores que se destacavam, principalmente por demonstrarem o apreço pela profissão docente e gostarem do que estavam fazendo.

Apesar de não aceitar alguns comportamentos, inicialmente, tive que me acostumar com a postura desses novos professores. De maneira geral as aulas eram ministradas de forma tradicional, caracterizadas sempre pelo professor expondo o conteúdo escrito na lousa. Entretanto, houve alguns professores que se preocupavam em realizar aulas mais dinâmicas, por exemplo, o professor de história que nos levou para assistir um filme relacionado ao assunto. Essa metodologia além de facilitar a compreensão do conteúdo, proporcionou a saída do ambiente da sala de aula, que muitas vezes entedia o aluno. Também teve uma aula de inglês que foi bem legal, a professora pediu para que cantássemos trechos da música em inglês, achava um pouco constrangedor, mas tornava a aula menos cansativa. Com relação às aulas de química, a professora era totalmente tradicional e ainda não conseguia se fazer entender. Em alguns momentos, esta professora acabava se atrapalhando durante as aulas e isso a deixava um tanto insegura. A insegurança demonstrada pela professora diante da classe fez com que perdesse um pouco da credibilidade dos alunos. Mas, destaco que ela era uma pessoa maravilhosa comigo, me tratava muito bem, tínhamos uma relação bem agradável, tenho um grande carinho por ela.

O segundo ano iniciou mais tranquilo, já estava me adaptando ao novo colégio. Tinha feito algumas amizades, o que torna a vida escolar mais prazerosa. Continuei com alguns professores do ano anterior. Outros foram substituídos, como foi o caso dos professores de Química e Biologia. Esperava que essa mudança tivesse sido pra melhor. As aulas de Biologia foram melhores, mas as de Química não, apesar de o professor demonstrar um maior domínio com a matéria e relacionar o conteúdo com algumas coisas do cotidiano. Não simpatizava com ele, e isso tornava as aulas mais entediante, que no ano anterior. Apesar de ter sido ele o mediador do primeiro contato com o laboratório. Desde que tomei conhecimento da existência do laboratório na escola, senti uma enorme curiosidade, mas os professores justificavam que por a turma ser grande inviabilizava o acesso.

Este professor nos levou para conhecer o laboratório e, num outro momento, realizar experimentos. Admito que gostei muito dessa aula porque tinha lido todo o conteúdo relacionado ao experimento e não conseguia entender com clareza porque que acontecia aquele fenômeno. Durante a realização do experimento que comecei a entender os conteúdos-. Percebi que aquele tipo de aula poderia ser mais produtivo para o aluno. Esse contato despertou em mim um maior interesse pela Química.

No Terceiro Ano do Ensino médio, houve novamente mudança de professores nas matérias de Química, Biologia, Português e Geografia. A professora de Química voltou a ser a

mesma do primeiro ano e a metodologia também continuou a mesma. O de Biologia foi um novo professor que por sinal dominava com muita competência o conteúdo, nos incentivava para a escolha da profissão docente, e, acima de tudo, tratava os alunos com muito respeito. Assim, me identifiquei com as aulas de Biologia do Terceiro Ano. Os professores de Geografia e Português também tinham muito domínio do conteúdo e eram professores bem competentes. Vale ressaltar que tive professoras estagiárias nas aulas de Português. Foi uma experiência positiva, pois as estagiárias traziam para as aulas diversas atividades que possibilitavam os alunos interagirem entre si. Trabalharam temas que geravam discussões e os conteúdos eram abordados de forma descontraída e dinâmica. Foi uma experiência maravilhosa.

Esse contato com pessoas que estavam iniciando a carreira docente despertou em mim a curiosidade sobre a formação de professores. Já tinha ouvido o relato de alguns dos meus professores sobre o seu processo de formação. Para eles tudo era muito sofrido e sacrificado, deixava transparecer que ser professor era um “castigo”. Só as estagiárias demonstraram que ser professora era uma escolha como qualquer outra profissão. Interessei-me, mas, não passava pela minha cabeça fazer licenciatura. Minha vontade mesmo era fazer Arquitetura, apesar de saber que não teria condição financeira para me manter neste curso, principalmente, por ser ofertado em outra cidade. Nessa época só tinha Universidade na capital do estado.

Nesse ano o governo disponibilizou cursos vestibulares gratuitos e um dos polos foi o colégio que eu estudava. Então decidi aproveitar essa oportunidade e fiz a seleção. Passei na prova e comecei fazer o cursinho, Continuei estudando de manhã e as aulas do cursinho eram a noite. Boa parte dos professores eram os mesmos que davam aula no Ensino Médio. Isso facilitava, porque já os conhecia inclusive a metodologia de cada um.

A fase mais difícil pra mim foi quando abriu as inscrições para o vestibular. Precisava decidir qual curso fazer. Sabia que não tinha condição de concorrer de igual para igual com alunos que de escolas particulares. Como exposto, fiz todo o meu Ensino Fundamental e Ensino Médio na rede pública. Venho de uma família humilde, que não teria como me manter em uma universidade em outra cidade. Tampouco em um curso que necessitasse de livros e materiais caros. Logo os cursos que estariam mais próximos da minha realidade seriam as licenciaturas, além de serem menos concorridos. Como me identificava apenas com Química e Biologia nessa área, optei por fazer Biologia estava muito encantada com o conteúdo do Terceiro Ano.

Prestei o vestibular no ano de 2005 e fiquei pré-classificada, foi um resultado importante pra mim. Sabia que não tinha chances de passar, não tinha me preparando o suficiente. A pré-classificação mostrou que eu era capaz de entrar na Universidade, desde que me dedicasse. Esse resultado me encorajou muito mais a continuar, sem contar que eu era a expectativa da minha família em ter alguém graduado.

No ano seguinte continuei fazendo o cursinho e nesse mesmo ano foi aberto na cidade um campus da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Com isso a realidade que parecia estar longe de mim desapareceu, sabia que agora tudo ficaria muito mais fácil. Mesmo assim acabei perdendo o período de inscrição no vestibular e não pude fazer a prova. Mas, não desisti do meu objetivo de fazer uma universidade.

No ano de 2007 decidi me dedicar, comecei fazer cursinho e foquei no meu objetivo. No decorrer das aulas fui percebendo que a minha decisão inicial de fazer Biologia estava atrelada principalmente ao conteúdo do Terceiro Ano. Os conteúdos de Biologia das outras séries não me chamavam tanto a atenção. Dessa maneira, optei pelo curso de Química pois, além de ser a minha segunda opção na área da Licenciatura, era um curso menos concorrido do que o de Biologia, assim as chances de entrar eram maiores. Fiz o vestibular no mesmo ano e fui aprovada para o curso de Licenciatura Plena em Química. Fiquei muito feliz com a aprovação, naquele momento estava realizando um dos objetivos da minha vida: entrar na universidade.

Não demorou muito para que as pessoas começassem a questionar a minha opção pelo curso de licenciatura. A discriminação pela profissão docente era visível a cada resposta. Muitas vezes me perguntaram se eu estava louca por fazer um curso de licenciatura e ainda mais para Química. Questionaram porque que não tinha feito outro curso que tivesse mais valor no mercado de trabalho. Mas, eu respondia que não iria desistir do curso, tinha a esperança de me identificar com a área docente.

As aulas só começariam em agosto 2008. E essa espera despertou em mim uma grande expectativa: queria saber com seriam os professores, as aulas, os colegas de classe, se iria conseguir me adaptar com curso, como funcionaria o curso, etc. Vários questionamentos surgiram. Durante esse intervalo de tempo apareceu à oportunidade de trabalhar no escritório de advocacia como secretária. Achei legal, pois, precisava ocupar meu tempo, sem contar que ajudaria na minha renda. Com o passar dos meses fui conhecendo um pouco da área jurídica e me identifiquei bastante, cheguei até cogitar a possibilidade de desistir do curso de Química Licenciatura e prestar um novo vestibular para Direito. Mas logo cheguei à conclusão de que

um curso assim continuava longe da minha realidade, que o melhor pra mim seria dar continuidade ao meu objetivo inicial de ser professora.

1.2 Trajetória Acadêmica

Quinze dias antes do início das aulas, foi oferecido aos calouros das licenciaturas Química, Física e Matemática, o Curso Pré-cálculo. Esse curso foi criado porque essas licenciaturas tinham a matéria de Cálculo 1 no primeiro período e muitos alunos sentiam dificuldades com os conteúdos. Também era a matéria com o maior índice de reprovação. Por isso foi oferecido o curso Pré-cálculo que tinha como objetivo revisar alguns conteúdos do Ensino Médio e dar alguma noção do que seria estudado no decorrer da disciplina. Frequentei algumas aulas e achei tudo muito difícil. Já tinha ouvido de algumas pessoas que já faziam o curso, o quanto a matéria de Cálculo I era complicada e a minha impressão no Pré-cálculo não foi das melhores. Tive a impressão de que não conseguiria ser aprovada nessa matéria.

O curso iniciou em 18 de agosto de 2008, com a Calourada, no primeiro dia os alunos veteranos fizeram brincadeiras, nos levaram para conhecer a universidade, foi uma boa recepção. Nessa semana só consegui ir à Universidade no primeiro dia. Por motivos de saúde no restante da semana fiquei impossibilitada. Logo perdi a apresentação inicial dos professores, mas alguns alunos da classe me informaram como tudo aconteceu. Não demorou muito para que eu pudesse retornar as aulas, com isso pude ir conhecendo melhor os professores e colegas de classe.

No (Primeiro Período) os nossos horários eram organizados pela própria Universidade e estavam divididos em: Química Experimental, química geral, vetores e geometria analítica, quimiometria, introdução a psicologia do desenvolvimento, calculo I, todas obrigatórias. A minha expectativa maior era pelas aulas de laboratório, via o curso de Química, todo voltado aos experimentos, a pesquisa. As aulas iniciais foram encantadoras eram as melhores. Na verdade a primeira imagem que me vinha à cabeça quando pensava no curso de Química, era o laboratório. Mas logo percebi que tinha que me preocupar com as outras disciplinas do período.

Aquele medo pela matéria de Cálculo I, não foi desnecessário. Senti muita dificuldade em compreender os assuntos, o professor também não ajudava. Pelo contrário, fazia questão de deixar tudo pior. Não melhorava sua metodologia, cobrava muita dedução de fórmulas matemáticas. Para mim eram desnecessárias. Já que éramos uma turma de Química

precisávamos saber o que de fato era importante e que seria útil ao nosso curso. Isso ele não conseguiu nos mostrar. Por toda essa insatisfação tranquei a matéria logo no começo do curso, tranquei também a matéria de Psicologia do Desenvolvimento, elas não tinham tanta influência na sequência do curso. Decidi me dedicar as outras que se eu não fosse aprovada iria atrasar a conclusão do curso. Eram matérias que tinham pré-requisito para outras nos períodos subsequentes.

Fiquei com as outras cinco disciplinas, as quais tomaram muito espaço na minha vida; Essas dificuldades começaram a ser compensadas quando comecei a conhecer os colegas de classe. Fiquei mais confiante a partir do momento que fui entendendo o funcionamento da graduação e vi que não era uma coisa do outro mundo.

Através de alguns colegas soube dos projetos sociais oferecidos pelo governo e também que teria a inscrição para seleção da Bolsa Trabalho. Percebia naquele momento a oportunidade de parar de trabalhar no escritório e desenvolver alguma atividade remunerada na Universidade, já que minha mãe não tinha condição financeira de me manter lá só estudando. Fiz a seleção, mas, não fui convocada na primeira etapa. Fiquei bastante desapontada porque esperava essa chance de poder conciliar meus horários de trabalho e estudo e ainda por cima tudo no mesmo lugar. Nem por isso desisti, continuei no trabalhando e estudando.

No (Segundo Período) a responsabilidade pela matrícula já era dos alunos. Matriculei-me nas matérias de: Química dos Compostos Orgânicos I, Química Inorgânica, Introdução a Filosofia, Físico Química Experimental, Fundamentos de Química Orgânica e Cálculo I. Nesse período tudo ficou muito mais complicado, as matérias já tinham um grau de dificuldade maior e sabia que tinha que dedicar muito mais do meu tempo para estudar. Estava difícil conciliar trabalho e estudo. Decidi parar de trabalhar, percebi que se não me dedicasse mais as disciplinas não iria conseguir ser aprovada. Como tinha feito a seleção para bolsa trabalho, me agarrei a essa possibilidade no momento dessa decisão. Já não tinha sido uma aluna disciplinada na minha fase escolar e não ter tempo para estudar não iria me ajudar na conclusão do curso.

A disciplina de Cálculo I mudou de professor e isso me deu novas esperanças. A professora tinha uma metodologia de ensino bem melhor, mas, mesmo assim, não consegui ser aprovada. Isso me deixou bastante desanimada, cada vez que isso acontecia eu via a possibilidade de me formar ficar mais longe. A disciplina de Cálculo era pré-requisito para

outras quatro matérias. Com relação às outras disciplinas me dediquei e com muito sacrifício consegui passar.

A essa altura já tinha conseguido adquirir um pouco de maturidade, já tinha perdido um pouco do encanto pelas aulas de laboratório, pois tinha que fazer inúmeros relatórios e isso não era nada animador. Comecei a me questionar, em que parte do curso a licenciatura entraria, até então só tinha feito matéria na área de Química, Física e Matemática e nada relacionado à formação de professor, já que tinha trancado a matéria de Psicologia. Mas tive consciência de que isso seria discutido a partir do terceiro período.

No (Terceiro Período) me matriculei nas matérias de: Cálculo I, Metodologia e Instrumentação para o Ensino de Química, Química Analítica, Química Analítica Experimental, Temas Estruturadores para o Ensino de Química I e II (TEQ I e II), Composto Orgânicos II e Química Orgânica Experimental. Com todas essas matérias tive que me organizar meus horários diários para estudar. Cálculo I foi ofertado pela manhã com outro professor, só que não consegui êxito novamente. Nas disciplinas da área de educação tão esperadas por mim, aconteceram muitas discussões, com relação a vários assuntos, mas um dos que sempre os professores faziam questão de discutir, era a experimentação como uma das metodologias de ensino. Gostava muito das discussões, comecei a achar que eu poderia mudar a educação a partir dessas propostas.

O que não me agradava muito eram os artigos que tinha que ler e fazer fichamentos. Vale destacar que o curso não tem nenhuma matéria obrigatória que foque a construção desse tipo de trabalhos. O professor pedia para que fizesse só que não tinha nem noção de como fazer. Alguns modelos forma repassados pelo professor da disciplina, mas ele não corrigia e com isso não sabia se estava fazendo certo. E se estivesse errado também não poderia saber qual seria o erro. Não conseguia compreender qual o intuito de se cobrar fichamentos se só seriam corrigidos no fim do período. Senti dificuldade também na matéria de Orgânica II e acabei reprovando, acredito que não me adaptei a metodologia do professor. Tinha feito as matérias de orgânicas anteriores com outra professora e conseguia entender com mais facilidade a forma como ela explicava.

Posso afirmar que esse foi um período muito conturbado e um dos que mais estudei, achei que iria enlouquecer. Dois meses antes de finalizar esse período, tive uma ótima notícia, fui convocada para a bolsa trabalho e tive o privilégio de trabalhar na biblioteca do campus. Gostava muito do ambiente e o mais importante, teria condição financeira de me manter no curso. Para poder dar início ao trabalho, tive que organizar os meus horários de aula, tinha que

trabalhar 20 horas semanais e por isso e fiquei trabalhando maior parte do tempo à noite, já que fazia uma matéria pela manhã e tinha todos os horários da tarde comprometidos. Mas fiquei tão feliz em ter uma renda que não me importei com os horários, apesar de passar maior parte do meu tempo na Universidade.

No (Quarto Período) decidi não me matricular em Cálculo I, como tinha que conciliar os meus horários com o trabalho, não podia fazer tantas matérias e já estava extremamente desestimulada a fazer a disciplina. Matriculei-me nas matérias regulares do período que foram: Estrutura e Funcionamento de Ensino, Temas Estruturadores para o Ensino de Química II e IV (TEQ II e IV), Inglês Instrumental e Introdução a Psicologia da Aprendizagem. As disciplinas Inglês Instrumental e Psicologia da Aprendizagem eram optativas. Matriculei-me também em Orgânica II, pois tinha reprovado no período anterior.

Chegava à Universidade antes das 8 da manhã e só saía 10 da noite, de segunda a sexta. No início não sentia muita essa carga, mas com o passar dos meses nessa mesma rotina foi ficando cansativo, mas era a única chance que tive durante esse tempo. Nesse período sentia vontade de fazer pesquisa em alguma área da química aplicada, mas sempre foi muito difícil fazer pesquisa com alguns professores, já que eles mesmos selecionavam quem iria fazer pesquisa com eles. Logo os alunos que mais se destacavam nas notas, eram os alunos escolhidos.

Até que um dia estava conversando com uns amigos e eles souberam através de outros que teria na Área de Ensino de Química algumas vagas para alunos voluntários, não pensei duas vezes em ir procurar saber como isso funcionava. Fiz a entrevista com a professora responsável pelo projeto e comecei como voluntária no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID)¹. Como só eram quatro horas que tinha que destinar ao projeto, continuei trabalhando na biblioteca, fazendo a pesquisa e estudando.

O projeto já estava sendo desenvolvido nos Colégio Estadual Murilo Braga e Colégio Estadual Dr. Augusto Cesar Leite, ambos situado na cidade de Itabaiana – SE, os alunos bolsistas e voluntários estavam divididos em dois grupos, cada um responsável por um colégio. Assim que ingressei na pesquisa junto ao grupo do Colégio Estadual Dr. Augusto Cesar Leite. Como o projeto já estava em andamento ajudei na aplicação de uma unidade didática, na organização do laboratório do Colégio Estadual Murilo Braga e no

¹ - O Sub-projeto PIBID/UFS/QUÍMICA - Itabaiana tem como intuito contribuir na melhoria da qualidade da Educação Básica em Itabaiana, incentivar a formação de professores e valorizar o magistério. Essas ações foram desenvolvidas a partir das demandas apresentadas pelos professores, coordenação, direção e alunos dos colégios envolvidos. Foram desenvolvidas ações como monitoria, reuniões de estudo, elaboração e aplicação de Unidades Didáticas, organização de laboratório, desenvolvimento do Projeto Feira de Itabaiana: aspectos sociais e ambientais, além de investigação da realidade local.

desenvolvimento do Projeto Feira de Itabaiana. Este projeto tinha como objetivo identificar os aspectos sociais, ambientais, e econômicos relacionados à Feira de Itabaiana.

Nesse meio tempo fui informada de que o curso iria mudar de grade (matriz curricular). Surgiram muitos boatos antes da oficialização da mudança. Segundo o coordenador do curso não sairíamos prejudicados por conta disso, mas não foi o que aconteceu. Algumas matérias foram retiradas como foi o caso de Vetores e Geometria Analítica do primeiro período que passou de obrigatória para eletiva. Essa disciplina é base para uma matéria que o departamento fez questão de acrescentar a grade, que é Física B. As que foram acrescentadas não tive a chance de fazê-las. Indago: Como isso não iria prejudicar os alunos? Mas o que foi dito é que mudanças precisam ser feitas para que algumas coisas melhorem. De fato não vi nenhuma melhora, pois em minha opinião o curso ficou ainda mais com cara de bacharelado.

No (Quinto Período) fiz a disciplina de Biologia Geral, Química das Biomoléculas, Ferramentas Computacionais, Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), Estágio Supervisionado para o Ensino de Química I, uma das matérias que mais despertavam a minha curiosidade, queria saber como era estar em uma sala de aula, observando o comportamento dos alunos e do professor, sendo que eu também era aluna. Biologia Geral foi lecionada por uma professora contratada. As aulas eram dinâmicas, contextualizadas e interativas. E LIBRAS que foi introduzida nesse ano como obrigatória para as licenciaturas.

Decidi fazer o estágio no Colégio Estadual Dr. Augusto Cesar Leite, situada na cidade de Itabaiana – SE. Foi sugerida pelo professor da disciplina a realização das observações em dupla ou trio para que não tumultuasse os colégios, pois alunos de outros períodos também estavam fazendo estágio nessas escolas. Primeiro tínhamos que conhecer o ambiente escolar, as dependências do colégio, o corpo docente e a direção. E a partir daí iniciamos as observações na sala de aula.

Iniciei as observações, assistindo algumas aulas do professor na turma escolhida, em seguida em turmas diferentes com o mesmo professor, depois na turma inicial, mas, com professores diferentes. Nesse primeiro contato pude perceber principalmente que os alunos sentem necessidade em chamar a atenção, por ter pessoas diferentes na sala de aula. Ficou perceptível o desrespeito dos alunos em relação ao professor. Esse comportamento dos alunos fez com que me questionasse se todas aquelas teorias discutidas em sala de aula iria funcionar com esses alunos? Ter-se-ia condição de lidar com todas essas situações enfrentadas pelo professor em sala de aula? Se seguir a carreira docente era mesmo o que eu queria?

Contudo, nesse período, também estava desenvolvendo as atividades do projeto PIBID: aplicando as unidades didáticas para os alunos. Entendi que na sala de aula era tudo mais complexo, não poderia me basear só naquela experiência, pois, nos projetos participavam os alunos que realmente estavam interessados. E na sala de aula não, boa parte dos alunos vai apenas por obrigação, sem interesse nenhum em aprender.

Nesse período iria acontecer a formatura dos alunos da primeira turma do Campus. Alguns desses formandos faziam parte do projeto PIBID, com a saída deles surgiu à oportunidade de sair da bolsa voluntária e passar para remunerada. Foi quando pedi desligamento da bolsa trabalho, mesmo sabendo que o projeto estava na fase final. Essa decisão foi um pouco difícil porque gostava de trabalhar na biblioteca, mesmo sabendo que esse trabalho não iria acrescentar à minha vida acadêmica. Já a Bolsa de Iniciação a Docência, além de contribuir para o meu currículo, iria trabalhar na área da licenciatura. Participar de algumas experiências as quais me auxiliaria no desenvolvimento dos estágios e ajudaria a tomar as minhas decisões com relação a seguir ou não a carreira docente.

Finalizei o período muito satisfeita e realizada, pois tinha conseguido alcançar os meus objetivos. Tive a oportunidade de trabalhar na biblioteca que foi uma experiência ótima, conheci pessoas maravilhosas. Também fui inserida em uma pesquisa, sem nenhuma distinção e fui muito bem recebida, diferente das outras áreas da Química em que os professores é quem escolhem os alunos que podem fazer pesquisa com eles. Como não era uma aluna que me destacava nas notas, nunca tive a oportunidade de participar.

Antes que o projeto do PIBID finalizasse pude participar como bolsista no Projeto de Bolsa de Iniciação a Extensão (PIBIX), o qual está vinculado o projeto RELAÇÕES que é responsável pela organização das Oficinas de Ciências, Matemática e Educação Ambiental (OCMEA). A OCMEA compreende um conjunto de oficinas ofertadas aos alunos das escolas públicas de Sergipe. As oficinas são ofertadas por docentes, técnicos, acadêmicos e professores da Educação Básica participantes de Projetos e/ou grupos de pesquisa e extensão do Campus. Ainda neste período tive que fazer uma matéria nas férias, porque com a mudança da grade, algumas matérias foram fragmentadas, como, por exemplo, Cinética e Termodinâmica, que ficou dividida em: Fundamentos de físico-química, Físico-Química I, II, II. Como não daria para encaixar quatro matérias em três períodos, tive que fazer Fundamentos de Físico-Química. Foi feito em quatro semanas com muita correria, mas em compensação tivemos um ótimo professor e mais tempo para estudar e assimilar melhor o conteúdo.

Assim que terminei a matéria de verão, foi dada sequencia ao (Sexto Período). Felizmente, foi o período que peguei menos matéria, me matriculei apenas em: Físico-Química I e Cálculo I. Cursei a disciplina de Cálculo I muito apreensiva, precisava passar dessa vez pra que pudesse dar continuidade no curso. Já tinha tentado outras três vezes e não tinha conseguido ser aprovada, mas, com muito estudo e dedicação conseguir ser aprovada. Também fiz Estágio Supervisionado para o Ensino de Química II. E a partir daí pra mim foi onde o curso começou a desandar. A área de educação era composta por três professores dois efetivos e um contratado, sendo que um deles estava afastado por conta do doutorado. Como o número de turma cresciam a cada período, estava ficando cada vez mais difícil para os professores dar conta de todas as turmas. Com isso um professor que não era da área de Ensino em Química assumiu a disciplina de Estágio Supervisionado para o Ensino de Química II.

Por acreditar que os estágios são as principais disciplinas dos cursos de licenciatura, principalmente porque são através delas que temos o primeiro contato com a profissão docente, eu esperava que tivesse sido melhor planejando o Estágio II. Tinha acabado de fazer as observações e iria para a sala de aula pela primeira vez como professora. Na disciplina fizemos planos de aulas mesmo sem saber qual seria a importância dele e o pior, fui para sala de aula sem nenhuma supervisão de como estariam sendo preparadas essas aulas. Cada um fez o que achou melhor ou mais fácil.

Mesmo assim tentei dar o melhor de mim, só que não contava com uma greve no meio do estágio. Isso atrapalhou ainda mais essa fase do curso. O período na universidade foi encerrado e o estágio só poderia ser dado continuidade assim que os professores da rede estadual retornassem as salas de aula. E isso só aconteceu alguns meses depois.

Antes de finalizar o período aconteceu à seleção para o novo projeto do PIBID, que contemplava 30 bolsas. Participei e fui selecionada, logo solicitei minha saída da bolsa PIBIX e voltei a participar, mais efetivamente, do PIBID. Mas não tive nenhuma restrição em sair do PIBIX, afinal, desenvolvíamos as atividades dos projetos em conjunto, essa é uma das propostas colocadas pela coordenadora, desde que comecei a participar do projeto. Essa professora desenvolve diversas ações articuladas de pesquisa, ensino e extensão na área de ensino. Dessa maneira, uma ação fortalece a outra. Á exemplo, os alunos bolsistas e voluntários do PIBID também contribuem na organização e ofertas de oficinas durante as edições da OCMEA. Portanto, a exclusão como bolsista do PIBIX, não me afastou da equipe organizadora da OCMEA.

Iniciei o (Sétimo Período) matriculada nas matérias de: Química analítica Experimental, Físico-Química II, Estágio Supervisionado para o Ensino de Química III, que foi com o professor anterior com a mesma metodologia. Nesse período os professores das escolas estaduais, já tinham retornado as aulas, com isso finalizamos o Estágio II e em sequencia iniciamos o Estágio III. Fiz também nesse período Pesquisa e Ensino de Química I. Na grade anterior o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) era construído apenas em um só período e com a nova grade, foi dividido em duas matérias: Pesquisa em Ensino de Química I e Pesquisa em Ensino de Química II. A disciplina Pesquisa em Ensino de Química I (PEQ I), tem como objetivo a construção do projeto do TCC, como introdução, objetivos gerais e específicos e metodologias.

Para que pudéssemos dar início ao projeto do TCC, algumas discussões foram feitas em sala de aula, professores de outras áreas foram convidados a falar para turma sobre como desenvolvê-lo. Precisamos também escolher os orientadores e discutir qual seria o trabalho realizado, com a construção do projeto finalizamos a disciplina com a apresentação dele para a turma.

Conjuntamente com todas as matérias desse período também começamos a desenvolver as atividades do PIBID. Nessa edição, como era muitos bolsistas, foi dividido entre dois professores, continuei com a mesma coordenadora do início. Alguns colégios da cidade de Itabaiana – SE, foram escolhidos e um Colégio da cidade de Moita Bonita, interior do estado de SE. Fiquei junto com outros alunos do projeto no Colégio Estadual Eduardo Silveira situado na cidade de Itabaiana. Ficamos responsáveis no primeiro momento em assistir as reuniões de planejamento da escola.

No (Oitavo Período) que seria o último do curso, sabia que não iria me formar, porque como demorei passar em Cálculo I, teria que fazer nesse período todas as matérias que ainda não tinha conseguido fazer por conta disso. E, Física B teria que ser feita em outro. Então peguei as matérias de: Física A, Laboratório de Física A, Fundamentos de Matemática para Química, Físico-Química III, Estágio Supervisionado para o Ensino de Química IV e Pesquisa em Ensino de Química II (PEQ II). Com essa quantidade de matéria dá para perceber que foi um período muito complicado. Não ter passado em Cálculo I no tempo certo me prejudicou ao final do curso.

Conseguir fazer quase todas as disciplinas sem muitos problemas, para mim a parte mais difícil foi à matéria de (PEQ II). Estava ciente de que o TCC já estava meio caminho andado, mas com a chegada do professor efetivo para área de educação, quase tudo foi

modificado, ele tinha uma metodologia de ensino bem diferente do professor anterior. Tive que mudar o que achava que estava bom. Só que tinha escolhido um tema bem complexo e acabei me perdendo. Quando chegou a fase final percebi que não sabia qual era de fato o meu objetivo central. Na verdade fiquei durante todo o tempo perdida sem saber o que estava fazendo de fato. Mudava constantemente o objeto de pesquisa. Além de não estar estimulada para as leituras acerca do tema. Acabei desistindo de fazer o TCC, neste período.

No final desse período recebi a proposta de trabalhar em uma corretora de seguros, aceitei a proposta principalmente pela questão financeira. Até então eu tinha como objetivo, após a minha formação, fazer o mestrado, mas com todas essas insatisfações, decidi vivenciar essa nova experiência.

O que pesou pra mim foi à saída do projeto. Todos esses anos de convívio criei um vínculo muito grande, com todos e o mais importante para mim é que estava participando da pesquisa com Indígenas e Quilombolas. Sai do Colégio Eduardo Silveira, onde já estava desenvolvendo atividades, desde que fui informada que teria um grupo de pesquisa nessa área. Foi uma decisão acertada, acabei me encantando. Mas precisei deixar o grupo, a parte financeira pesou muito pra mim. Decidi aceitar a proposta de trabalhar. Não sei se essa decisão foi a mais acertada, mas só com o tempo poderei descobrir.

No (Nono Período) decidi cursar somente Física B, mas por causa do trabalho pude me matricular somente a noite, o que me atrapalhou. Como estava trabalhando o dia todo, acabei não conseguindo conciliar os horários do trabalho e da disciplina. Como consequência, reprovei na disciplina.

No semestre atual (Décimo Período) estou cursando as disciplinas: Física B e PEQ II. Nessa reta final ficou cada vez mais desestimulante finalizar o curso, todos os amigos já tinham se formado, não tenho tempo para estudar como antes devido ao trabalho, pensei inúmeras vezes em desistir, em abandonar o curso, largar tudo. Mas, me questiono: De que valeria todo meu esforço durante esses cinco anos? Seria covarde de desistisse na reta final. Desde que entrei na Universidade que almejo ter nível superior, ter uma profissão. Mas esse trabalho comprova que não desisti, que meus medos não venceram a minha vontade de ser alguém na vida.

CAPÍTULO 2: ENCONTROS, DESENCONTROS, E CONFRONTOS NA CONSTRUÇÃO DA MINHA IDENTIDADE DOCENTE

No que diz respeito a minha trajetória escolar não percebo uma relação entre a dúvida em seguir a carreira docente. Assim, assinalo que os professores da Educação Básica não tiveram uma influência direta na minha escolha pelo curso. Destaco principalmente nessa fase a importância dada à afetividade no processo de ensino.

A aprendizagem escolar depende, basicamente, dos motivos intrínsecos: uma criança aprende melhor e mais depressa quando sente-se querida, está segura de si e é tratada como um ser singular (...). Se a tarefa escolar atender aos seus impulsos para a exploração e a descoberta, se o tédio e a monotonia forem banidos da escola, se o professor, além de falar, souber ouvir e se propiciar experiências diversas, a aprendizagem infantil será melhor, mais rápida e mais persistente. Os motivos da criança para aprender são os mesmos motivos que ela tem para viver. Eles não se dissociam de suas características físicas, motoras, afetivas e psicológicas do desenvolvimento (RODRIGUES, 1976, p.174 *apud* BRUST, 2009, p.27) .

Vale destacar que não existia um incentivo por parte dos professores do Ensino Médio em seguir a carreira docente, por motivos que vão:

[...] desde o desgaste emocional e pessoal em vista das más condições de trabalho, baixos salários, baixa auto-estima e, conseqüentemente, desejo de abandono ou afastamento da atividade docente e o aumento do descontentamento com a profissão [...] (LOPES et al., 2008(b) *apud* JESUS; LOPES, 2013, p.2).

Esse desestímulo passado pelos professores corrobora o quanto a desvalorização da carreira docente contribui para a construção da identidade docente. Pois, é um procedimento “complexo e pessoal, por isso se faz necessário refletir sobre as visões que se tem sobre a docência, investigar a própria prática, repensar atividades e metodologias, (re)construir as ideias em torno do que é ser professor” (JESUS, LOPES, 2013, p.2).

Com relação à trajetória acadêmica, estudos realizados com alunos ingressantes na Universidade Federal de Sergipe, Campus Professor Aberto Carvalho, no Curso de Licenciatura Plena em Química (CLQ) apontam um perfil jovem dos alunos, as idades variam entre 17 e 22 anos, boa parte deles não trabalham, já que o curso é vespertino, a maioria é oriundo da rede pública e residem em cidades próxima ao município (JESUS, LOPES, 2013).

Pereira (2000) também verificou, em sua análise sobre o vestibular de 1995 da Universidade Federal de Minas Gerais, que a maior parte dos aprovados nos cursos de Licenciatura apresentou idade variando de 20 até mais de 30 anos. O autor destaca que a

pouca idade dos alunos, associada a outras condições sociais, econômicas e culturais, constitui um fator de aprovação nos cursos mais disputados no vestibular. E que os cursos considerados de menor prestígio são as licenciaturas, as quais são responsáveis pela formação de professores do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Que não são os preferencialmente escolhidos pelos candidatos, por isso são cursos menos concorridos, assim a pontuação mínima necessária é bem menor que cursos mais disputados.

O aluno que busca os cursos de licenciatura o faz mais por pressão pela obtenção de um possível emprego imediato em um mercado de trabalho cada vez mais difícil, do que propriamente por uma inclinação especial pelo magistério. É um aluno que na maioria das vezes já trabalha não necessariamente no magistério e que dispõe de pouco tempo e poucos recursos para desenvolver um curso de boa qualidade (LÜDKE, 1994 *apud* PREREIRA, 2000, p. 38)

Com relação à maioria dos alunos não trabalharem para Pereira (2000) esta relacionado principalmente ao curso ser diurno, o que dificulta o ingresso de estudantes que necessitam continuar a trabalhar. Dessa forma, a maioria destes alunos depende financeiramente da família. O que justifica a necessidade dos mesmos participarem de projetos com bolsas remuneradas. Além da renda o trabalho é desenvolvido na própria Universidade o que facilita a vida do estudante.

Essa característica se enquadra ao meu perfil, iniciei o curso aos 20 anos, trabalhava antes de começar as aulas, mas, percebi logo no início que não teria condição de me dedicar se continuasse trabalhando. Daí a necessidade de participar dos projetos oferecidos pelo governo, ter bolsa na universidade facilita muito à permanência do aluno nos cursos.

Com relação à escolha do curso Jesus e Lopes (2013) mostram em seu trabalho realizado junto à turma 2012/2 ingressante no Curso de Licenciatura em Química, que a afinidade com a matéria, é um dos principais fatores apontados pelos alunos como justificativa pela escolha do curso. Através disso, podemos supor que o contato desses alunos com a disciplina de Química no Ensino Médio influenciou, direta ou indiretamente, o interesse desses alunos pela área da química.

A afinidade pela matéria também foi um dos critérios utilizados por mim no momento da escolha do curso. Desde o Ensino Fundamental a matéria de Ciências me chamava muito atenção. Em relação ao interesse pela Química, este ocorreu apenas no Segundo Ano do Ensino Médio ao ter contato com o Laboratório, conforme relatado pela autora na página 20 deste trabalho:

[...] onde o professor nos levou para conhecer o laboratório e, num outro momento, realizar experimentos. Admito que gostei muito dessa aula, porque tinha lido todo o conteúdo relacionado ao experimento e não conseguia entender com clareza porque que acontecia aquele fenômeno. Durante a realização do experimento que comecei a entender os conteúdos. Percebi que aquele tipo de aula poderia ser mais produtivo para o aluno. Esse contato despertou em mim um maior interesse pela química [...]

Esse meu primeiro contato com o laboratório no Ensino Médio e na universidade me fez acreditar que o curso de química se resumia as aulas realizadas neste ambiente. Isso também fica evidente na pesquisa realizada por Jesus e Lopes (2013) que apontam que os alunos ingressantes no curso de Licenciatura em Química demonstram uma visão estereotipada da química como Ciência voltada somente as práticas de laboratório, à experimentação, deixando claro ser esse o atrativo da área. Sem contar que eles se referem à química, mas não a licenciatura. Poucos são os alunos que dizem querer ser professor.

Essa visão dos alunos, para Pereira (2000) se explica porque mesmo com as mudanças ocorridas nas licenciaturas, as matérias teóricas de outras áreas se sobrepõem as da Área Pedagógica. Dando as Licenciaturas caráter de Bacharelado.

Isso se dá também porque a Matriz Curricular da maioria dos cursos de licenciatura demonstra e ressalta dois caminhos paralelos. Um que discute os conhecimentos pedagógicos. Outro que discute os conhecimentos específicos. Esses caminhos não se aproximam durante os vários semestres, mas se cruzarão e se articularão em disciplinas de natureza tal como de Prática de Ensino, a de Didática específica e/ou de Instrumentação para o ensino. Isto significa que as disciplinas de conteúdos específicos, propriamente ditas, seguem seu curso independente e isolado das disciplinas pedagógicas e vice-versa. (SCHNETZLER, 2000 apud DANIEL, 2009).

Comecei a me questionar sobre a decisão inicial de ser professora, quando percebi durante a minha trajetória acadêmica, a valorização de parte dos professores pelas suas pesquisas e falta de interesse pela formação docente. “A maioria dos autores acusam uma valorização maior do Bacharelado por sua relação com a formação do pesquisador e um certo descaso com a Licenciatura por sua vinculação com a formação do professor”(PEREIRA, 2000, p. 59). A diferença da formação entre licenciatura e bacharelado não é um item na estrutura de organização de cursos de licenciatura, mas é de ordem epistemológica, baseada na dicotomia ensino-pesquisa, entre o saber e o produzir o conhecimento (VIANA, 1993 apud PEREIRA, 2000, p. 61)

Além dessa problemática existente nos cursos de licenciatura, outros fatores me levaram ao desestímulo em seguir o curso, um deles foi a dificuldade em passar na matéria de Cálculo I, tentei durante quatro períodos até conseguir passar. Cálculo I é pré-requisito de outras matérias no curso, e a cada vez que não conseguia passar ficava desanimada, com vontade de desistir, me sentia incapaz de dar continuidade ao curso.

Outro problema enfrentando foi a falta de integração com a realidade onde os licenciandos iriam atuar. Para Pereira (2000) [...] “há pouca integração entre os sistemas que formam os docentes, as universidades, e os que absorvem: as redes de ensino fundamental e médio”. Não basta saber algumas técnicas de ensino é preciso compreender de forma mais ampla o espaço da sala de aula como cruzamento de culturas (CANDAUI, 2006). A questão da diferença como sinônimo de inferioridade.

A escola deve ser entendida como um espaço de cruzamentos de culturas, cuja responsabilidade específica que a diferencia de outras instâncias de socialização e lhe atribui identidade e relativa autonomia, é a mediação reflexiva daquelas influências plurais que as diferenças culturais exercem de forma permanente sobre as novas gerações (PÉREZ GÓMES, 1994, 2001 *apud* CANDAUI, 2006).

Os cursos de Licenciatura precisam preparar os alunos também para as diferenças que irão encontrar em sala de aula, seja pela personalidade, cor da pele, pela identidade sexual e principalmente pela condição financeira e psicologia desses alunos.

É passado para os alunos nos estágios que temos que dominar os conteúdos, conhecer os processos de aprendizagem, ter capacidade de comunicação, domínio e manejo da turma. Contudo não é levado em consideração que tudo isso está atrelado às situações de ensino, sempre novas e singulares não há modelos prontos que resistam à prática cotidiana dos docentes (PEREIRA, 2000). Os docentes universitários, “formadores de futuros educadores de primeiro e segundo grau, não tem uma visão sequer razoável da realidade destes sistemas de ensino e não tem, em sua maioria nenhuma vivencia desse ensino como professor” (LÜDKE, 1994 *apud* PEREIRA, 2000, p.62)

Em minha opinião foi isso que não aconteceu no curso CLPQ do qual fiz parte, muitas discussões foram feitas no início do curso, sobre diversos assuntos, usava-se principalmente a experimentação como fórmula mágica para resolver o problema da educação. Sendo assim, as teorias são simples conjecturas que os alunos podem elaborar a partir de dados empíricos oriundos da observação. Esta visão desvaloriza a criatividade do trabalho científico e leva os alunos a entenderem a ciência como um conjunto de verdades

inquestionáveis, introduzindo rigidez e intolerância em relação ao pensamento científico. É essa visão de ciência e de método científico que fundamenta a dicotomia aula prática e teórica. Nesse sentido, a atividade experimental adquire um papel meramente ilustrativo, ou seja, limita-se a comprovar o conhecimento teórico aprendido na sala de aula. (GIANI, 2010)

Para Silva e Zanon (2000, apud GIANI, 2010) a prevalência da concepção empirista é um indicativo de que os professores ainda imaginam ser possível “comprovar a teoria no laboratório”. Essa percepção ainda é dominante em contextos escolares, o que dificulta a valorização e o desenvolvimento da criatividade do estudante. É necessário analisar a complexidade da atividade científica, com suas várias possibilidades, considerando também as características individuais e dinâmicas dos próprios cientistas.

[...] ”tanto a observação como o experimento orientam-se pela teoria, e destacam a dependência que nossas próprias observações empíricas têm de nossos conhecimentos e vivências anteriores. A ciência se alimenta da dúvida e da indagação, o conhecimento só avança com base em questionamentos. Por isso, ao invés de tornar definitivo o conhecimento, é importante valorizar o sentido da provisoriedade” (GIL-PEREZ,1993 *apud* GIANI, 2010, p. 16).

Outros caminhos poderiam ter sido trilhados durante a formação acadêmica que me possibilitasse uma decisão consciente acerca de seguir ou não a carreira docente, um deles é a questão do planejamento das aulas de estágio. Foi o momento em que me sentir mais insegura conforme relatado pela autora na página 30 deste trabalho:

[...]Tinha acabado de passar da fase das observações e iria pra sala de aula pela primeira vez como professora. Na disciplina algumas discussões sobre formação docente foram feitas, fizemos planos de aulas mesmo sem saber qual seria a importância dele e o pior, fui para sala de aula sem nenhuma supervisão de como estariam sendo preparadas essas aulas. Cada um fez o que achou melhor ou mais fácil [...]

O ato de planejar faz parte de vários setores de nossa vida e tem sido cada vez mais necessário em todos os campos da atividade humana (PILETTI, 2001; LEAL, 2005). O planejamento é um processo que visa garantir a eficiência e a eficácia de uma ação (LEAL, 2005). Assim, como em qualquer outra atividade, o ato educativo também requer planejamento.

No âmbito educacional o planejamento se tornou essencial nas últimas décadas, devido à necessidade da organização das escolas, tanto no que diz respeito à parte pedagógica como administrativa. Nesse contexto “o planejamento é um ato político-pedagógico porque revela intenções e a intencionalidade, expõe o que se deseja realizar e o que se pretende atingir” (LEAL, 2005, p 1). Assim o planejamento:

É político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade. Na dimensão pedagógica reside à possibilidade da efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, comprometido, crítico e criativo. Pedagógico, no sentido de definir as ações educativas e as características necessárias às escolas de cumprirem seus propósitos e sua intencionalidade. (VEIGA, 2004 apud MENEGOLA; SANT’ANNA, 2000, p.13).

Ao pensar o planejamento, o professor precisa ter em mente, para que, para quem e como será utilizado esse planejamento. Pois o “primeiro e mais importante objetivo do planejamento das disciplinas, para uma situação de ensino, serve para que os professores e alunos desenvolvam uma ação eficaz de ensino e aprendizagem” (MENEGOLA; SANT’ANNA, 2000).

Além da falta e do acompanhamento do planejamento para o desenvolvimento das aulas de Estágio, aconteceu à greve dos professores da Educação Básica durante período. Isto evidenciou ainda mais a desvalorização profissional do professor.

Além disso, a visão da sociedade que disseminam e fortalecem a imagem de que a profissão docente só apresenta aspectos negativos.

Mas através do meu trabalho atual pude perceber que a desvalorização acontece em todos os ambientes de trabalho, não é só os professores que não tem o seu trabalho reconhecido. Que não recebem salários condizentes com os seus esforços. E isso me fez pensar em dar continuidade a minha formação, fazer mestrado, ir para sala de aula e descobrir se essa minha indecisão em seguir a carreira docente foi devido a minha formação.

Apesar de todos esses conflitos enfrentando, também tive a oportunidade de participar experiências que me motivaram a seguir a carreira docente. Preciso falar em especial da minha experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a docência PIBID e Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a docência PIBIX. Participar desses dois projetos pra mim foi uma das coisas mais importantes na universidade, comecei sendo bolsista voluntária no PIBID e, em seguida, bolsista remunerada. Esses projetos me possibilitaram vivenciar a Escola, descobrir que podemos ser professores capazes de fazer a

diferença em sala de aula, perceber que os alunos além de tudo precisam de estímulo para estudar, precisam de materiais bem elaborados de aulas bem preparadas e de professores que tenham o mínimo de respeito por eles.

Sinto-me bastante honrada por ter feito parte de uma equipe que trabalhou para realizar os eventos da OCMEA, me dediquei ao máximo para que tudo pudesse sair da melhor forma possível. E sei que valeu a pena todo o esforço gasto durante todos os dias de organização.

No finalzinho do curso surgiu a oportunidade de trabalhar com uma outra linha de pesquisa, o que me deixou bastante interessada, já que era algo novo e despertava em mim uma grande curiosidade, pois trabalhar com Índios e Quilombolas era de fato algo novo na minha vida. O pouco tempo serviu principalmente para quebrar alguns preconceitos com relação ao “outro” a forma como o “outro” se comporta e entender que independente da forma como as outras pessoas se comportam elas são exatamente iguais a nós não importa a cor a religião e nem as crenças.

Contudo, ainda sinto necessidade de entender esse percurso e porque depois de enfrentar todos os desafios colocados nessa trajetória e, também, aproveitar os momentos como bolsista/voluntária nos projetos PIBIX e PIBID, me questiono que fatores me levaram ou levam a ainda a ter dúvida se realmente não quero caminhar pelos trilhos dessa profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações finais ou parciais?

O presente trabalho tem como temática principal: Caminhos da Construção do “Eu’ Docente: Serei ou Não Professora? E como objetivo principal analisar os fatores que me levaram, ao final da formação inicial, a ainda apresentar dúvidas acerca de seguir a carreira docente. Como questões norteadoras: entender que fatores, durante o curso, me levaram a questionar a minha decisão inicial de ser professora? Quais motivos me levaram ao desânimo em seguir a carreira docente? Outros caminhos poderiam ter sido trilhados durante a formação acadêmica que me possibilitasse uma decisão consciente acerca de seguir ou não a carreira docente?

Decidir realizar este Trabalho de Conclusão de Curso principalmente para compreender o meu processo formativo. Procurei fazer uma descrição histórica da educação no Brasil, e a importância do papel do professor na construção da identidade docente. Em seguida relatei a minha trajetória escolar e acadêmica, mostrando todas as minhas felicidades, angústias e insatisfações no decorrer desse processo formativo. E percebi o quanto foi difícil chegar ao final desse curso, quantos obstáculos tive que transpor para conseguir me formar.

Em relação a trajetória escolar constato que não há uma influência estreita para que, ao final do curso, ainda tenha dúvida em seguir a carreira.

Por sua vez, em relação a trajetória acadêmica percebo fatores que me desmotivaram e fatores que me motivaram. Os fatores que mais me motivaram a ficar no curso foi o vínculo de amizade criado durante esse período e principalmente a participação nos Projetos de Pesquisa. Os que mais me desmotivou inicialmente foram às reprovações na matéria de Cálculo I, a mudança da grade e os estágios. Esses fatores levam ao final do curso a ainda apresentar dúvidas acerca de seguir a carreira docente.

Vale ressaltar que a implementação de projetos de formação inicial, como o PIBID e o PRODOCÊNCIA, não é suficiente para a melhoria da qualidade da Educação Básica. É necessário também um investimento significativo na valorização do profissional professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCASTRO, P. R. **Representações dos discentes do curso de licenciatura plena em química da UFMT, sobre a sua formação profissional.** 2003. Dissertação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: UFMT/IE, 2003.
- BRITO, A. S. **Identidade e Formação Docente:** Memórias e Narrativas de Egressos/as da 1º Turma de Licenciatura em Química de uma Universidade Pública no Agreste Sergipano. 2013. Dissertação. Universidade Federal de Sergipe. Aracaju: NPGECIMA/UFS, 2013
- BRITO, A. S.; LIMA, M.B.; LOPES, E.T.; **Ser Professor/a de Química:** Identidade em Construção na UFS/Campus Itabaiana, V Colóquio Internacional Identidade e Contemporaneidade. São Cristóvão. 2011
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil:** Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº1/92 a 43/2004 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a 6/94 – Brasília: Senado Federal. Subsecretaria de Edições Técnicas, 2004.
- BRUST, J. R. A Influência da Afetividade no Processo de Aprendizagem de Crianças nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Disponível em: < <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/JOSIANE%20REGINA%20BRUST.pdf>> Acessado em 25 outubro 2013.
- BUENO, B. O.; CHAMLIAN, H. C.; SOUZA, C. P.; CATANI, D. B. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa.** São Paulo: v. 32, nº 2, maio/ agosto de 2006, p. 385-410.
- CÂMARA, C.A.O. **Docência no Ensino Superior:** um desafio para a formação?Revista Científica Eletrônica De Ciências Sociais Aplicadas Da Eduvale. Vale de São Lourenço-Jaciara/MT Ano III, Número 05, outubro de 2010.
- FREITAS, D.B. A. P. *Escola Makuxi:* identidades em construção. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em:<seer.bce.unb.br/index.php/horizontesla/article> Acesso em: 18 agosto. 2013.
- LOPES, A.R.C. et al. Cultura e Política de Currículo.In CANDAU, V. M. O/A Educador /a como Agente Cultural. São Paulo. J. M. Editora Ltda. 2006, p. 35 -53.
- CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização:** questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- DANIEL, L.A. O Professor Regente, o Professor Orientador e os Estágios Supervisionados na Formação Inicial de Futuros Professores de Letras. Dissertação. Universidade Metodista de Piracicaba. São Paulo: UNIMEP. 2009.
- GIANI, K. A experimentação no Ensino de Ciências: possibilidades e limites na busca de uma Aprendizagem Significativa. Disponível em: <http://ppgec.unb.br/images/sampled_data/dissertacoes/2010/versaocompleta/kellen%20giani.pdf> Acessado em: 22 setembro 2013.

JESUS, A.P.F. As ideias acerca do Ser Professor e da docência dos acadêmicos do curso de Licenciatura Plena em Química do Campus Professor Alberto Carvalho – UFS. Revista Scientia Plena, vol. 9, nº7, 2013, Aracajú.

MALDANER, O. A. A pesquisa como perspectiva de Formação Continuada do Professor de Química. **Revista Química Nova**. V. 22, n.2. São Paulo Mar./Apr. 1999.

MELO, P.A.; LUZ, R.J.P. A Formação Docente no Brasil. Disponível em: <http://www.oei.es/docentes/info_pais/informe_formacion_docente_brasil_iesalc.pdf> Acesso em: 18 agosto 2013.

MENEGOLA, M.; SANT'ANNA, I. M. Porque Planejar? Como Planeja? Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

PEREIRA, J. E. D. **Formação de professores:** pesquisas, representações e poder. Belo Horizonte: Autentica, 2000. 167p.

PILETTI, C. **Didática geral**. 23ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

QUADROS, A. L. et al. **Os professores que tivemos e a formação da nossa identidade como docentes:** um encontro com nossa memória. **Ensaio pesq. Educ. Ciência**, Belo Horizonte. V. 7, n. 1, ago. 2005. Disponível em: <<http://ufmg.br/ensaio>>. Acessado em 18 agosto 2013.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **Trabalho docente:** elementos para uma teoria da docência com profissão de interações humanas. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SILVA, M. V. História da Alfabetização do Brasil a constituição de sentidos e do sujeito da escolarização. Disponível em: <<http://www.ucb.br/sites/100/165/TeseseDissertacoes/HistoriadaalfabetizacaonoBrasil.pdf>> Acessado em 8 setembro 2013.